

Tentando adivinhar como a economia ficará

GAZETA MERCANTIL

13 MAI 1987

Marco Aurélio
Ferreira Viana (*)

O atual cenário econômico na realidade brasileira tem em seu bojo uma infinita gama de dúvidas e incertezas, em grau talvez comparável às agudas crises de 1983 e do final de 1985. O fenômeno da perspectiva zero-infinito para a inflação e do saldo aleatório da balança comercial colocam os planejadores em dramática situação.

A pequena, porém profunda, revoada de ministros permite, entretanto, a obtenção e detecção de algumas pistas que podem tentativamente orientar a ação tática das empresas no Brasil. No período fevereiro-abril, o choque frontal dos personagens do comando econômico e a dúvida do quem-entra-quem-sai não permitiu sequer a construção de doses mínimas de coragem para prever o imprevisível, para antecipar o indecifrável.



Escrever outras matérias seria cumprir dever de casa, absolutamente necessário. A retirada para reflexão constitui a única saída estratégica lógica e lúcida.

Antes e acima de tudo, é de fundamental importância entender que a economia brasileira cada vez mais consiste em matéria política e menos em ciência econômica. Esse jargão, quase adágio popular, tem de ser entendido em seu verdadeiro grau de profundidade. Descompromisso com o poder, coragem leviana, casuismos, reversão do enfoque técnico para o político, visão obliterada de curto prazo, descomandos e desmandos são apenas algumas das macabras atitudes que a economia brasileira vem enfrentando nesses últimos meses. Despencar exportações por motivos especulativos, matar o Plano Cruzado com a influência política do Cruzado II e quebrar as pequenas empresas com elevação artificial das taxas de juro são algumas das consequências das atitudes retromencionadas. Como resultado, checado em qual-

quer mídia, as greves proliferam do bancário ao empresário, do metalúrgico ao agricultor. Neste momento, uma equipe nova, sem uma disputa direta de poder no comando econômico, assume com ideias não tão novas e com obrigações ainda mais antigas.

Apesar de aciago, é importante lembrar que a atual situação da economia brasileira passa por algumas características, cuja realidade nem sempre se parece com o entendimento psíquico dos fatos. A inflação encontra-se estabilizada na faixa de 15-18% ao mês, ganhando a cada mês uma força inercial realimentada permanentemente pelo gatilho salarial, que poderá ser disparado até em dois meses seguidos. Apesar de claros sintomas de desaceleração do crescimento, ainda não existem definidos índices que comprovem uma recessão mais acentuada, a menos de alguns setores industriais (confecções, móveis, lazer) e do comércio varejista encurralados pelo "trimestre fúnebre" em que se somam a fome do leão com os níveis escorchantes das

taxas de juro, aliados a uma explicável psicose anticonsumista. No âmbito externo, o saldo mínimo da balança comercial é explicável por uma tática especulativa na esperança de uma maxidesvalorização que acabou vindo na forma de uma "pequena midi".

A declaração da atual equipe de reverter uma postura de crescimento audacioso para modesto desenvolvimento deve também servir de embasamento para a compreensão do momento atual.

Acima de tudo, entretanto, o momento econômico brasileiro, enfocado apenas por esse ângulo, deve ser entendido como formado ainda por uma série de fatos positivos, que não levam necessariamente ao catastrofismo desenfreado. A natural volta dos patamares de exportações, a permanência da inflação em um nível de 10-15% ao mês, o positivo resultado da safra agrícola recorde e a aplicação dos recursos do FND e do BNDES em projetos de investimentos podem garantir nos próximos anos um crescimento médio de 4,5% ao ano, o que, apesar

de longe dos 7-8% desejáveis, não devem ser considerados como nefistófilicos. Esse seria um cenário que se poderia chamar de "continuidade", no qual medidas específicas aqui e ali iriam tentar aparar as arestas da economia como um todo. É uma forma ortodoxa de pensar. Nesse contexto, uma nova "pequena midi" será provável, aliada a uma ampla negociação com a tentativa de eliminação do gatilho salarial e sua substituição por uma correção temporal, possivelmente a trimestralidade. Em um movimento de maior recessão, alguns instrumentos tributário-monetários (crédito direto, compulsório, juros mais adequados) seriam detonados, sendo possível atingir os objetivos de modesto crescimento controlado. Tudo será possível, se o descomando político não exigir a entrada de novas variáveis. Com a nova equipe pelo menos é possível tentar antecipar um cenário. Vamos ver para crer.

(*) Consultor de empresas baseado no Rio de Janeiro.